



A ESPECIALIZAÇÃO NO JORNALISMO ESPORTIVO EM GOIÂNIA: RELATOS E PERSPECTIVAS DE PROFISSIONAIS¹

LIMA, Marcos Paulo de Moraes²
Jornalista, Universidade Federal de Goiás

PAVAN, Ricardo³
Dr., Universidade Federal de Goiás

RESUMO: O presente artigo foi elaborado com o intuito de analisar as dificuldades do jornalista esportivo dentro das redações jornalísticas em Goiânia, bem como a importância da formação profissional, as memórias de uma cobertura esportiva e o processo de desvalorização do comunicador no mercado de trabalho pelos veículos de comunicação. Além disso, o trabalho busca avaliar se o cenário de dificuldades e incertezas envolvendo a editoria esportiva, descrito por Coelho (2003), também ocorre na capital goiana. A escrita traz considerações importantes acerca da rotina do exercício da profissão de jornalista esportivo no mercado goianiense. Por meio de depoimentos de jornalistas que atuam nos veículos de comunicação da capital, foi possível apontar vários fatores da saturação do mercado de trabalho na capital de Goiás.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo; Formação em Jornalismo; História do Jornalismo; Jornalismo Goianiense; Comunicação e Esporte

1 Introdução

Ao dialogar com jornalistas esportivos de diferentes veículos de comunicação e de mídias variadas, é possível notar que esses profissionais, em sua maioria, atua no mercado de trabalho goianiense com grande paixão e superação. Eles destacam que a prática do bom jornalismo passa por uma boa formação e obtenção de experiência em laboratórios acadêmicos e estágios profissionalizantes.

O mercado de trabalho na capital, por sua vez, possui uma grande identificação com as transmissões radiofônicas esportivas em torno do futebol. Todos os entrevistados para este artigo acadêmico iniciaram suas experiências profissionais no rádio.

¹ Trabalho apresentado no **GT História do Jornalismo** do 5º Encontro Regional de História da Mídia – 5º Alcar Centro-Oeste.

² Graduando em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: marcosjornalismo87@gmail.com

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Vale do Rio dos Sinos. Coordenador de Produção Multimídia em Jornalismo Esportivo na Rádio Universitária da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: pavan.ufg@gmail.com



O presente trabalho foi elaborado com o objetivo de compreender as dificuldades do exercício da profissão de jornalista esportivo dentro das redações jornalísticas em Goiânia, bem como a evolução da área na capital, a estrutura de trabalho e a convivência com outras editorias do jornalismo. A intenção é trazer de forma clara os reais valores dos jornalistas dentro de um contexto social, além de afirmar aos futuros profissionais da área que é preciso implementar mudanças para solução dos atuais problemas já citados.

De acordo com Coelho (2003), o jornalismo esportivo é de fato uma profissão difícil de se exercer. Nesse contexto está inserido a falta de oportunidades no mercado de trabalho, o enxugamento das redações devido ao implemento de novas tecnologias, os baixos salários e a falta de qualificação profissional. A praça goianiense de comunicação esportiva não foge da realidade citada pelo pesquisador.

Atualmente, cerca de 90% das pautas e coberturas esportivas realizadas em Goiânia estão relacionadas diretamente ao futebol. A confirmação desse dado estatístico veio com a aplicação das entrevistas e diálogos realizados com os jornalistas esportivos. Na capital isso acontece devido as boas campanhas dos times goianos nos campeonatos nacionais e internacionais. Atlético-GO e Goiás tem atraído holofotes por administrações convincentes.

Outro importante tema discorrido pelo pesquisador Coelho (2003), se refere a porta de entrada de jornalistas esportivos no mercado de trabalho. O escritor revela que o acesso ao mundo das redações jornalísticas se dá através das editorias de cidade e de esportes. Esse fator preponderante ficou evidenciado na realização das entrevistas em profundidade do presente trabalho.

Questões como a desvalorização do jornalista esportivo no mercado de trabalho goianiense; a falta de oportunidades de trabalho na área; a falta de qualificação acadêmica e experiência profissional; priorização do trabalho em relação a família e os baixos salários da profissão, podem explicar essa realidade.

2 A Especialização no Jornalismo Esportivo

A especialização está relacionada ao aprofundamento investigativo em âmbitos editoriais temáticos e tem se mostram uma prática cada vez mais rotineira nos textos jornalísticos. São conteúdos destinados à públicos que tenham interesse específico por



determinadas abordagens, se utilizam de uma linguagem própria para cada assunto. O jornalista responsável por esses textos necessita de um conhecimento específico sobre a temática editorial, além de ter uma boa base de memória/banco de dados contextuais. Mas, no campo dos estudos jornalísticos, o tema da especialização está longe de uma perspectiva analítica consensual em razão de sua amplitude.

A questão da especialização no jornalismo é bastante controversa. Vilas Boas (2005) procura diferenciar o jornalismo especializado do jornalismo praticado por editoriais. Para ele, especialidade deveria significar compreensão profunda de questões-chave relacionadas a macrotemas do conhecimento humano. E é neste campo que o autor insere o jornalismo esportivo, mesmo reconhecendo ser impossível o fato de um profissional dominar os meandros de todas as modalidades esportivas. Barbeiro e Rangel (2013) preferem ignorar esta definição: “Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social (...) A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p.13).

Desse modo, é possível constatar que a especialização, seja na área esportiva ou em qualquer outra, pressupõe, acima de tudo, domínio sobre o conteúdo abordado e credibilidade ao jornalista. Para Vilas Boas (2005), a condição de ser um dos temas mais debatidos pelo público, atrair pessoas de todas as idades e camadas sociais, tornou o esporte um fenômeno lucrativo, negócio de proporções mundiais, motivo para tendências e modismos. Por se dedicar exclusivamente a um tema de domínio público, Coelho (2003) revela que o jornalismo esportivo sempre viveu sob preconceitos, carregando o rótulo de “editoria inferior” às demais especializações do jornalismo.

Independente de uma ou outra perspectiva sobre o campo, Coelho (2003) entende que, assim como toda área jornalística, o jornalismo esportivo segue as premissas básicas da profissão, de isonomia e compromisso com a verdade. O autor observa que toda rotina e o processo de produção do jornalismo esportivo, como a definição de pauta, o *deadline* e linha editorial, seguem os padrões jornalísticos das demais áreas.

Existe uma notória necessidade do jornalismo dialogar com os diferentes campos de especialização. Entre estas áreas, observa-se a de esportes, uma editoria/departamento que sofre de um preconceito histórico dos que ainda pensam a produção jornalística sob uma



perspectiva aristocrática, desvinculada da realidade sociocultural. O jornalismo esportivo deve ser tratado para além do mero entretenimento (MESSA, 2005); como um campo profissional que exige uma formação qualificada, a experimentação, a crítica que deve questionar inclusive a prevalência do futebol nas coberturas.

A especialização do jornalismo esportivo surgiu por volta da década de 1960 com o crescimento dos meios que se dedicavam nas coberturas esportivas, editorias foram criadas a fim de se dedicar plenamente ao esporte (LUSTOSA, 1996). Até o cenário atual, os jornalistas esportivos tem convivido com duras adversidades profissionais como, baixos salários, falta de boas condições de trabalho, desvalorização profissional, além de lidar diariamente com o preconceito e a desconfiança gerado pelas demais editorias de comunicação que afirmam que esses profissionais só atingem os leitores de classe social de menor poder aquisitivo do país.

Segundo Coelho (2003), as dificuldades em manter uma redação esportiva funcionando já ultrapassa décadas no Brasil e mesmo assim a paixão pelo campo de atuação tem aumentado graças a inclusão de jovens recém-formados do jornalismo que saem das universidades sedentos de trabalho e dispostos a não ficar fora do mercado, e acreditam que conseguindo adentrar na editoria esportiva ou de cidades seja a melhor solução para fixar o seu lugar como profissional.

A editoria de esporte não é nem de perto umas das editorias que concentram os melhores salários nas redações de jornalismo espalhadas pelo Brasil. As editorias de política e economia são, conforme Coelho (2003), as que proporcionam melhor remuneração e reconhecimento profissional a curto prazo. Produzir um trabalho com depoimentos reais de profissionais esportivos que lidam com esses desafios da carreira diariamente, proporcionaria aos futuros profissionais um alerta e encorajamento para construir mudanças significativas dentro da profissão.

De acordo com Coelho (2003), as editorias de esportes e de cidades são consideradas as portas de entrada de jovens recém saídos da universidade de jornalismo rumo ao mercado de trabalho. Dezenas de redações jornalísticas recebem esses jovens em busca de trabalho acreditando no seu bom rendimento profissional no começo de carreira e baixo salário. Essa abertura é vista com desconfiança por outras editorias, que considera esse um dos principais motivos para a desvalorização da editoria de esporte.



Unzelte (2009, p.12) entende que “só mesmo com uma dose maciça de paixão é possível trabalhar à noite e nos finais de semana em uma das áreas de menor valorização e remuneração da atividade jornalística”. Coelho (2003) destaca que para atuar no jornalismo esportivo é preciso ter paixão pela área. O bom repórter desde muito cedo investe no processo de aprimoramento, nas descobertas de novas informações e na criação de boas pautas. Porém, mesmo com esse faro jornalístico apurado é fundamental checar cada informação que vai ao ar, ser escrita ou falada para o público de massa.

Beting (2005), por sua vez, reconhece como um privilégio a experiência profissional na área, especialmente por tratar de um assunto com grande significação na cultura nacional: o futebol; mas critica as vaidades que se formam nas relações entre colegas que atuam na mídia tradicional: “Amo o que faço: sou pago para ver jogos de futebol. Sei de amigos que venderiam a mãe para fazer o que faço – pena que alguns coleguinhas vendam a alma ou se vendam para continuar no meio.” (BETING, 2005, p.14).

3 Procedimentos Metodológicos

Para construir o artigo, a investigação exigiu uma abordagem qualitativa ou seja, considerando que o estudo se propôs a analisar as dificuldades da profissão de jornalista esportivo em Goiânia, fora utilizado um dos procedimentos clássicos de apuração de informações do jornalismo, a entrevista em profundidade. Através dela foi possível apurar junto a fonte informações de acontecimentos relacionados a figura do entrevistado e sua rotina de trabalho que despertaram nos leitores impressões e sentimentos diferentes sobre os personagens em sua representação de mundo.

O processo de coleta de dados com as entrevistas foi realizado entre os anos de 2017 e 2018. O primeiro encontro com um jornalista esportivo ocorreu no dia 27 de outubro de 2017 e o último no dia 22 de maio de 2018. Dos oito jornalistas esportivos entrevistados para a produção deste trabalho, somente um atua sem o diploma acadêmico.



Quadro 1: Jornalistas que foram entrevistados na pesquisa (Fonte: Marcos Paulo Lima)

NOME	FORMAÇÃO	IDADE	VEÍCULO QUE TRABALHA	FUNÇÃO
Paula Parreira da Silva	Graduada	35 anos	O Popular	Editora chefe de esportes
Rafael Bessa Sipriano	Graduado	32 anos	Rádio Sagres 730	Repórter e apresentador
Igor Ribeiro de Moraes Pereira	Graduado	27 anos	Diário da Manhã	Editor chefe de esportes
Rodrigo Alves Pereira	Não graduado	36 anos	Rádio CBN Goiânia	Produtor e editor
Fernando Vasconcelos Martins	Graduado	31 anos	G1 Globoesporte GO	Repórter
José Florêncio Leal Nascimento	Graduado	57 anos	TV Goiânia Band	Comentarista
Wendell Paulo Neilly Pasquetto	Graduado	40 anos	PUC TV	Apresentador

Portanto, como a lei de junho de 2009, decidida no Supremo Tribunal Federal (STF), não exige a obrigatoriedade do diploma para o exercício da função de jornalista, todos os abordados estão atuando de forma legal no mercado de trabalho e todos os diálogos são válidos. Os jornalistas listados acima foram escolhidos por pertencerem aos grandes veículos de comunicação de Goiânia e por demonstrar interesse em contribuir com a pesquisa.

4 A escolha e a formação no jornalismo esportivo

A maioria dos jornalistas esportivos entrevistados escolheu essa área de atuação baseada em suas experiências na infância ou adolescência, na prática de alguma atividade esportiva na escola, na influência dos pais ou de algum familiar e no acompanhamento das coberturas esportivas transmitidas pela TV ou no rádio. Costa (2006, p.98) aponta que “o esporte nasce como uma brincadeira qualquer e com o passar do tempo é capaz de transformar eternamente o coração de uma criança”. Além disso, o autor sustenta que toda experiência de vida vinda do esporte precisa ser bem contada pelo jornalista para ser eternizada.

A paixão pelo jornalismo esportivo não é necessária para executá-lo com maestria. Coelho (2003, p.45) afirma que “as noções técnicas da profissão dão aval a qualquer pessoa que quiser trabalhar em qualquer uma das áreas”. Apesar disso, a jornalista, graduada pela



Universidade Federal de Goiás (UFG) em 2003, Paula Parreira da Silva, 35, do jornal *O Popular*⁴, garante que sua paixão pelo esporte orientou seu caminho profissional.

Eu costumo dizer que eu escolhi o esporte antes do jornalismo. Eu era muito fissurada em acompanhar esportes olímpicos, acompanhar futebol, colecionava coisas, colecionava matérias e álbuns de figurinhas. Eu acompanhava muito, então eu gostava muito. (Paula Parreira, *O Popular*)

Embora atualmente não seja exigido o diploma de formação em jornalismo para exercer a profissão de jornalista, é necessário seguir uma série de padrões e de boas práticas da comunicação para conseguir se manter ativo no mercado de trabalho. Para aquele que não possui o diploma em jornalismo, o principal mecanismo de sobrevivência é o conhecimento adquirido ao longo dos anos de atuação no mercado de trabalho.

O jornalista Rodrigo Alves Pereira, 36, que atua na Rádio CBN, é um dos profissionais de comunicação esportiva que atua sem o diploma de formação em jornalismo. O profissional chegou a cursar a graduação em jornalismo em uma faculdade particular, em Goiânia, no ano 2000, mas depois optou por trancar o curso e seguir no mercado sem o certificado. Rodrigo apostou na sua longa experiência de atuação nos veículos de comunicação como sendo o seu diferencial.

Normalmente o caminho para se adquirir bagagem como jornalista começa na qualificação em disciplinas cursadas na faculdade, para os que optaram pelo certificado educacional, e posteriormente o ingresso em estágios nos veículos de comunicação regional. A trajetória do jornalista Igor Ribeiro de Moraes Pereira, 27, graduado pela UFG em 2013, seguiu os modelos tradicionais de aprendizagem, iniciando suas práticas profissionais dentro dos laboratórios da Rádio Universitária.

Bem, eu comecei no jornalismo esportivo por interesse pessoal. Desde o segundo semestre da faculdade quando entrei na Rádio Universitária já comecei nessa parte de editoria esportiva. Da faculdade eu vim para o Jornal Diário da Manhã porque já havia colegas que trabalhavam aqui, já me conheciam e me indicaram. Daí eu comecei aqui no jornalismo esportivo e fiquei até hoje. (Igor Pereira, *Diário da Manhã*)

⁴ A primeira entrevista para a produção da monografia foi realizada no 27 de outubro de 2017 e a última no dia 22 de maio de 2018.



É a experiência adquirida nos estágios, nos laboratórios de rádio, TV, Web e impresso que vai ensinar o futuro jornalista esportivo a checar as informações, e a classificar a importância do fato para dar o devido tratamento a ele. "É a experiência que permite avaliar quando a notícia é plantada por fonte. Quando a informação pode ser benéfica ou desfavorável a alguém nela envolvido." (COELHO, 2003, p.45)

A constante mutação do mercado da comunicação e das redações esportivas exige um jornalista com mais transpiração, qualificação e inspiração. Transpiração para conseguir desenvolver todas as funções propostas pelo editor chefe em jornadas de trabalho cada vez mais estressantes, com duração de até doze horas de expediente. Inspiração para não perder o imediatismo, o furo de reportagem, o bom texto e a paixão pelo exercício da profissão. E a qualificação para não perder o contato com as novas tecnologias digitais, responsáveis pela propagação de conteúdo em massa.

Eu já tinha feito rádio e TV e trabalhava na TV Serra Dourada em Goiânia. Viajava para fora, no eixo Rio - São Paulo, acompanhando o esporte, na época eu tinha o basquete e o futebol para cobrir. Tive a felicidade de passar no vestibular para jornalismo e fazer mais um curso superior que completasse o meu rádio e TV. Fiz entendendo que lá na frente podia precisar dele para sair de Goiânia. Voltei para faculdade e fui muito feliz. Confesso que fiquei feliz, até porque rádio e TV é uma coisa, e jornalismo na sua essência têm pouquíssimas coisas em comum. Eu acho que me completou sim e hoje não me arrependo. (José Leal, TV Goiânia - Band)

O jornalista esportivo precisa ficar atento a história do esporte, curiosidades, campeonatos regionais, nacionais e eventos esportivos internacionais de grande repercussão. Independente da formação universitária, o profissional da comunicação precisa estudar, se qualificar e ler de tudo um pouco sobre o mundo em que escolheu trabalhar. Com o acúmulo de experiências no mercado de trabalho, no impresso, em rádio, na TV e na Web, o jornalista tende a escolher a área de atuação que mais lhe proporcione paixão.

O futuro jornalista esportivo deve compreender que na maioria das vezes o seu ingresso no campo profissional pode acontecer por meio de outras editorias que não seja especificamente a de esportes. Essa situação é bem comum nas redações localizadas em Goiânia. Isso torna o acesso ao mercado de trabalho mais democrático e viável. É preferível que indivíduo cave suas próprias oportunidades ficando ativo no mercado do que fora dele.



A área do esporte sempre foi a que mais me atraiu dentro do jornalismo. Não que eu tenha feito jornalismo para trabalhar apenas com o esporte. Eu procurei desde a minha formação me preparar para aproveitar as oportunidades que aparecessem. É claro que eu já tinha um sonho, uma vontade de fazer esporte no futuro. Mas eu procurei durante o curso, durante o início da minha vida profissional, eu procurei me preparar, aproveitar as oportunidades que fossem surgindo até chegar o jornalismo esportivo. (Renato Scavazzini - TV Anhanguera)

O fato de trabalhar em outras editorias do jornalismo não diminui a importância do profissional dentro de nenhuma redação, independente do veículo de comunicação. A notícia produzida pelo jornalista precisa ser o principal compromisso do profissional com os meios de comunicação em massa. Dessa forma, se o indivíduo atuar com ou sem paixão, ele poderá executar com louvor as noções técnicas da profissão.

5 O jornalismo esportivo dentro do jornalismo

Coelho (2003, p.27) aponta que “no jornalismo a editoria de esporte não é a que concentra os bons salários das grandes redações”. No entanto, o autor afirma que é por esse campo de atuação que entram os jovens universitários recém - formados, os chamados focas. Os focas são atraídos para as redações com a possibilidade de crescimento interno e aumento da experiência profissional.

Eu sempre vi o esporte recebendo pessoas que querem trabalhar com esporte. Foi esse ano, início do ano que entraram duas pessoas mais novas, bem jovens recém saídas da universidade. Todas as pessoas que eu testei eram recém formadas e não fazia diferença nesse ponto de vista. Uma questão de salário também que de repente não interessa a pessoas que tem anos de carreira. A circunstância nos levou a contratar dois recém-formados esse ano, mas o resto da equipe é muito experiente, ou formada aqui dentro, ou fora daqui. (Paula Parreira, O Popular)

Para alguns veículos de comunicação, a entrada dos recém-formados significa basicamente redução de custos. Uma grande redação não consegue manter por muito tempo um jornalista renomado, com grande experiência profissional no mercado da comunicação e ainda com alto salário. Porém, a decisão de facilitar a entrada de jovens sem experiência de produção no jornalismo esportivo causa um enorme impacto no produto final da profissão, a notícia.

Eu reconheço pelo que a gente observa, o esporte é sim a porta de entrada em várias empresas. Muitas empresas contratam gente que sequer são formadas. Muitas



empresas esportivas acabam contratando público mais jovem para pagar salários menores. A editoria de esporte é tão importante como as outras editorias e muitas vezes nela é mais difícil de se fazer uma cobertura, porque você trabalha em horários que muitas vezes as outras editorias não trabalham. Você trabalha com a emoção das pessoas, algo que nem sempre as outras editorias trabalham. Algumas empresas banalizam em achar que o jornalista esportista é menos importante que os demais. (Renato Scavazinni - TV Anhanguera)

O formato enxuto das novas redações de jornalismo implementado pelo uso das novas tecnologias facilitou a integração entre as diversas editorias existentes nos veículos de comunicação. Todavia, vale ressaltar que o embate com os companheiros de profissão é o primeiro ponto que precisa ser superado pelo jornalista no seu ambiente de trabalho. A experiência em suportar esse tipo de pressão poderá ajudar no exercício de qualquer cobertura jornalística importante em um ambiente que envolva uma grande pressão psicológica. Isso é válido para qualquer uma das editorias do jornalismo. Em geral as editorias estão interligadas entre si em praticamente toda a cobertura de evento realizada em uma cidade.

Então sempre que vai acontecer algum evento em que o esporte vai estar ligado nós fazemos um trabalho que engloba *O Popular* e vice versa. O pessoal da editoria de cidades vai fazer um evento em que está ligado o esporte há uma ajuda mútua. Não precisa nem pedir, já acontece automaticamente. (Rodrigo Alves - Rádio CBN)

Você vai fazer um grande evento, por exemplo, um jogo de futebol que demanda duas torcidas grandes, um Goiás e Vila Nova é fundamental que o pessoal de jornalismo de cidades passe informações sobre o fluxo de mobilidade urbana, o trânsito, o fluxo de ônibus, de táxi, de Uber. Enfim, acaba que um depende do outro. (Rafael Bessa - Rádio Sagres 730)

É notável que no dia a dia de uma redação existe uma parceria bem sucedida entre as outras editorias e a da área esportiva. No entanto, os privilégios obtidos pelo jornalista esportivo no exercício da profissão como viagens com possibilidade de conhecer outros lugares desperta ciúmes no restante da categoria.

A verdade é que às vezes, o jornalismo esportivo causa uma certa inveja em outras editorias. Porque o jornalismo esportivo proporciona conhecer vários lugares. Em uma rádio, por exemplo, outra editoria de jornalismo não viaja tanto e ficam com essa pulga atrás da orelha. Eu nem dou bola, ainda mais porque estou ali para servir o veículo de comunicação. (Wendell Pasquetto - PUC TV)



Além das redações jornalísticas compartilhadas, existem algumas empresas terceirizadas que prestam atendimento exclusivo em comunicação esportiva. Essas instituições transformam o esporte em negócios visando sempre a comunicação de massa.

Eu já trabalhei em uma empresa que só era dedicada a esportes, é totalmente diferente. Trabalhei na Rádio Sagres 730 e tem lá um departamento de jornalismo e outro totalmente dedicado aos esportes. A equipe é de esportes. Eles são separados pelo um "muro" lá dentro. Quando você trabalha em um lugar só de esportes é diferente. Daí você pode falar qualquer coisa no dia a dia que a galera entende. Todo mundo é fanático. Aqui não! Aqui tem gente de todas as áreas e demoraram a entender o que é o jornalismo esportivo e a internet como um todo. (Fernando Vasconcelos - G1 Globoesporte)

Em vários veículos de comunicação a editoria de esportes é o carro chefe da empresa e também é o que mais arrecada valores. As coberturas de eventos esportivos principalmente do futebol em torneios regionais, nacionais e internacionais faz com que o jornalismo esportivo sobreviva com seus tributos em quase todos os cenários de crise econômica.

O fato é que o jornalismo de esportes hoje é o carro chefe de qualquer veículo de comunicação que tem esse material. Vale citar que a nossa maior emissora, a Globo, não teria essa programação que tem se não fosse a área de esporte. Os profissionais são mais privilegiados talvez pelas inúmeras viagens, pelo que gozam durante o trabalho, pelo meio por onde passam e por onde ficam. (José Leal - TV Goiânia - Band)

Vale ressaltar que mesmo não pagando altos salários para o jornalistas esportivos em suas redações, algumas empresas preferem não disponibilizar vagas diretas para jovens recém-formados e que não possui experiência de mercado. A intenção final é manter a qualidade do conteúdo noticioso para o grande público.

6 Perspectivas acerca do mercado profissional em Goiânia

O mercado do jornalismo esportivo goianiense é baseado nas coberturas dos times de futebol masculino que disputam as competições nacionais da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), nas séries A, B, C e D. Vila Nova, Goiás, Atlético Goianiense e recentemente o Goiânia, contribuem diariamente com o material jornalístico que vai ao ar em toda a programação local e do estado de Goiás. O conteúdo futebolístico atinge todas as mídias (impresso, rádio, web e TV).



É importante destacar que a cobertura esportiva feita pelos veículos de comunicação da capital abrange outros esportes, só que em uma proporção menor. O destaque de quase toda a programação local fica por conta do futebol, que ocupa mais de 80% de toda a grade esportiva. O rádio é proporcionalmente o veículo de imprensa com maior destaque nas coberturas esportivas de Goiânia.

Acho que o rádio é muito forte em relação as outras mídias e isso é uma coisa muito particular de Goiânia nessa proporção. Claro que o rádio é forte em todos os lugares, o rádio esportivo particularmente. Em Goiânia proporcionalmente é muito forte. Tem muita gente que acha que imprensa esportiva é rádio, isso é ridículo, não existe, não está certo. (Paula Parreira - O Popular)

Quando eu comecei aqui em 2002 me lembro que eu estava na Rádio Brasil Central e existiam outras rádios que faziam sim uma cobertura boa dos nossos times aqui. É bom que se diga, o jornalismo esportivo em Goiânia é 90% futebol. Teve uma época que tivemos o time do Universo Ajax no basquete durante três anos. Tivemos o Monte Cristo, no vôlei. Mas 90% é futebol! Não adianta você imaginar que vai se formar em jornalismo e fazer cobertura de outras modalidades. (Wendell Pasquetto - PUC TV)

Nos últimos anos o mercado do jornalismo goianiense e a mídia esportiva sofreu uma enorme retração devido as constantes crises financeiras e com o enxugamento das redações jornalísticas. O rádio, por exemplo, teve boa parte dos seus postos de trabalho fechados. Isso fez com que os veículos de comunicação se mantivessem inertes diante de novas contratações. O efeito cascata afetou principalmente os jovens universitários recém-formados, que com a crise viram o seu sonho de crescimento profissional ser bloqueado.

O jornalismo esportivo está passando por uma crise e já há muito tempo. E aí a gente vai lá atrás no fio da meada. Várias situações acontecendo ao mesmo tempo. A crise no país afeta sim. O empresário não vai cortar na sua produção, nos seus funcionários. Uma das primeira medidas de um empresário na hora de cortar gastos é justamente cortar mídia, cortar o investimento em marketing, e isso afeta diretamente nosso trabalho. Se busca a multifunção. Existe uma dificuldade em relação aos profissionais do rádio. O rádio tem perdido muitos profissionais. Muitos desistem da profissão porque não tem sido fácil sobreviver. (Rafael Bessa - Rádio Sagres 730)

O mercado em Goiás é bem complicado, não só no jornalismo esportivo, como no jornalismo em geral. Quando eu entrei ainda era um momento de alta, 2011 e 2012, com várias empresas que estavam contratando e aumentando o quadro de funcionários. De 2014 em diante o movimento foi contrário. É um mercado bem restrito, bem restrito mesmo pelo momento de recessão econômica também eu acredito. (Igor Pereira - Diário da Manhã)



Outro fator importante que ajuda disseminar a crise no jornalismo de Goiânia é o fato das empresas exigirem um alto grau de experiência profissional de candidatos recém saídos das academias. Além do baixo salário inicial, os focas, como são chamados os jovens jornalistas, precisam ter um currículo gabaritado para adentrar nos veículos de comunicação da capital. A falta de investimento em materiais publicitários, de isenções fiscais para as empresas de comunicação e de patrocínios do município e do estado ainda pode ter agravado a crise no jornalismo esportivo nos últimos anos.

Alguns anos atrás o governo investia muito mais e isso hoje não acontece. Os chamados patrocínios eles não acontecem com muita frequência, e isso de uma certa forma prejudica. Muitos veículos não estão buscando a qualidade, mas sim alguém que possa ajudar de uma forma ou de outra. Isso acarreta na desvalorização dos profissionais que buscaram estudar, se aprofundar, e entender o que é o jornalismo, o que é uma pauta, como entrevistar, como buscar uma informação. (Rodrigo Alves - Rádio CBN)

Devido as dificuldades financeiras impostas pelo mercado de trabalho do jornalismo goianiense, alguns profissionais da área esportiva tem apostado em soluções alternativas para o aumento de renda. As atividades vão desde o exercício de assessor de imprensa, passando por venda de produtos com as estratégias do marketing digital, prestação de serviços terceirizados, até a abertura do próprio empreendimento.

Muitos profissionais tem buscado outros caminhos fora das redações. O pessoal tem trabalhado com assessoria de imprensa, trabalhado com empreendedorismo mesmo. Tem muita gente abrindo empresa de assessoria, tem muita gente abrindo revista, tem muita gente prestando serviços para outras pessoas. O pessoal está buscando nichos no mercado porque nem todo mundo consegue trabalhar em redação. (Renato Scavazzini - TV Anhanguera)

È importante ressaltar que nem todos os profissionais de comunicação que atuam no jornalismo esportivo na capital começaram inicialmente pela própria editoria. Alguns veículos utilizam como critério a estadia em outras editorias interna para que o jornalista aprimore o texto e se encaixe na linha editorial da empresa. Além disso, o futebol como produto majoritário não permite a democratização de outros esportes. Esse fator bloqueia a contratação de pessoal e inibe o aumento da produção de conteúdo para o consumo. A diversificação das coberturas esportivas pode permitir um novo fôlego para que a editoria não sofra com novas crises.



Considerações Finais

O artigo foi desenvolvido com o objetivo de apresentar uma análise plural sobre as dificuldades de atuação do jornalista esportivo nas redações jornalísticas goianienses. O trabalho buscou trazer considerações importantes acerca do dia a dia do mercado de trabalho na capital dentro do telejornalismo, radiojornalismo, webjornalismo e jornais impressos. Além disso, foi observado nesse processo a evolução do comunicador esportivo, a relevância da formação acadêmica e a relação entre a atividade trabalhista e familiar.

O presente estudo se propôs a pesquisar como se dá a inclusão do jornalista esportivo nas redações goianienses, o convívio com outras editorias, a maratona que envolve uma cobertura esportiva e a futura empregabilidade dos recém - formados no mercado de trabalho. Por meio desta análise é que se pôde conhecer um pouco mais sobre o funcionamento e as características singulares dos espaços das redações esportivas jornalísticas em Goiânia, sob a perspectiva de quem vivencia essa experiência no cotidiano.

A investigação não foi desenvolvida com o propósito de apreciar ou desprezar as redações esportivas dos veículos de comunicação goianiense. O estudo tem como ideia central a discussão de problemáticas existentes no mercado de trabalho em Goiânia, desde a exigência de grande experiência profissional para ocupar um posto de trabalho, passando pelas diferenças salariais, até o tratamento diferenciado dado a cada editoria.

O artigo, de forma pioneira, traz uma reflexão acerca da atual conjuntura das redações esportivas dentro dos veículos de comunicação em Goiânia. Nesse aspecto, não foi encontrado nenhum trabalho acadêmico que tenha utilizado informações das dificuldades de atuação, experiência e prática de campo dos jornalistas esportivos na cidade.

A exposição dessa conjuntura requer uma discussão, porque embora o jornalismo esportivo esteja passando por uma longa crise financeira no mercado da comunicação, ele ainda se mantém como uma das editorias de maior alcance popular, justamente por ter ligação com uma atividade inteiramente humana, o esporte. O segredo para a manutenção da atividade está na preparação para a entrada no mercado de trabalho.

Por meio da análise de entrevistas concedidas por jornalistas esportivos que atuam em diferentes mídias em Goiânia, percebeu-se que a experiência e a prática em estágios



acadêmicos, laboratórios vinculados aos cursos de graduação e a formação acadêmica são fundamentais para o desenvolvimento do bom jornalismo. O conhecimento adquirido nesses exercícios são essenciais para atuação em qualquer veículo de comunicação.

Em razão disso, conclui-se que a atividade de jornalismo esportivo em Goiânia possui características semelhantes ao mercado nacional, quando se trata de desvalorização da profissão, formação profissional, baixo salários e saturação de vagas de emprego. Contudo, a capital goiana se destaca pela grande produção de conteúdo radiofônico relacionado ao futebol local. Esse fator é creditado aos times da cidade que são reconhecidos pela atuações em competições nacionais e internacionais. As discussões abordadas na pesquisa de Coelho (2003), são necessárias para levantar um debate sobre o atual cenário das redações esportivas e seu enxugamento, e o que pode ser modificado para que os novos profissionais da comunicação minimizem o impactos negativos no exercício da profissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2013.

BETING, Mauro. **Pago para ver** – Jornalista futebolístico deveria vestir a camisa de sua profissão, e não apenas a camisa do patrão. In: VILAS BOAS, Sergio (org.). **Formação & Informação Esportiva** - jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus Editorial, 2005, p. 12-41).

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: EdUNB, 1996.

MESSA, Fábio de Carvalho. **Jornalismo Esportivo não é só entretenimento**. 8º Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. Maceió, 2005.

UNZELTE, Celso e PRADO, Magaly (org.). **Jornalismo Esportivo** – Relatos de uma paixão. São Paulo: Saraiva, 2009.

VILAS BOAS, Sergio (org.). **Formação & Informação Esportiva** - jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus Editorial, 2005.